



CONSCIÊNCIA HISTÓRICA ENTRE *OS ALMEIDAS*

Julia Bueno de Moraes Silva¹

Resumo: A tese de Jörn Rüsen sobre as relações da História com as tomadas de decisões na vida diária permite-nos analisar a consciência histórica entre os Almeidas, grupo de remanescentes de escravos negros que vivem na região de São Sebastião da Garganta, município de Silvânia-Goiás.

Introdução:

A análise do conhecimento histórico científico tais como os concebidos por Jörn Rüsen podem ser convenientemente chamadas de teorias da história. Uma determinada concepção do significado e dos fundamentos dessa forma de interpretar historicamente o passado é o que estará aqui em foco. Sua teoria da história pode ser chamada de narrativista, uma vez que ela reconhece na idéia de narrativa o fundamento mais elementar da atividade dos historiadores a consciência histórica como um conjunto de ações de orientação de cada pessoa no seu tempo, tendo como aporte o conhecimento histórico. Diferente de uma resposta a uma necessidade prática do dia - a - dia, a consciência histórica (re) orienta o agir das pessoas no seu tempo.

Rüsen identifica em sua reflexão acerca da história três dimensões da história interconectadas: a primeira conduz as investigações acerca da ciência da história e de seus fundamentos na direção de uma teoria metodicamente ordenada da história; a segunda diz respeito à historiografia; e a terceira concerne á assimilação e apropriação do conhecimento histórico no contexto da vida social e contribui para fomentar e enriquecer uma didática a história.

¹ Professora de História na Universidade Estadual de Goiás. E-mail: juliabueno44@hotmail.com



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

O senso comum afirma que os grupos de remanescentes perderam gradativamente sua identidade, quando deixaram de praticar a língua, os costumes de seu povo e incorporaram, no seu dia-a-dia, as práticas da sociedade branca que os circunvizinham, transformando-se em lavradores das grandes propriedades, perdendo assim, sua identificação. Nós optaremos por outro caminho, por acreditar na existência de vozes diversificadas e, por conseguinte, vários modelos mentais de consciência histórica dentro do grupo. As influências formam uma rede complexa de interações na vida de cada indivíduo: parentes, vizinhos, aproximação com os moradores das cidades vizinhas, os jovens que freqüentam a escola municipal e que atendem aos moradores da região (pessoas do assentamento, filhos dos fazendeiros, pequenos proprietários) tudo isso leva a uma reelaboração cognitiva e atitudinal, por parte de cada pessoa, confrontando, o tempo todo, as necessidades diárias e os sentimentos de pertencer ou não ao grupo de remanescentes, identificados no lugar como *os Almeida* ou gente do quilombo ou de São Sebastião da Garganta (nome dado ao lugar).

A lembrança do passado, de acordo com Rüsen, é elaborada pelo pensamento histórico na forma de uma história para o presente,(2001:67-70).Na história, o passado é somente passado e não parece ter nenhuma relação com o presente.Na verdade, o passado tematizado nas histórias é habitualmente aquele que é portador de significado e sua significabilidade concerne, por sua vez, á medida de sua presença na vida atual, sob forma de valores, instituições, modelos de comportamento, costumes, em suma sob a forma de tradição.Qualifica o passado que não faz parte da tradição e que, portanto, está morto no e para o presente como um resíduo.O passado historicizável é aquele vivo e sedimentado nas circunstancias materiais e intelectuais do agir.



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

O que estabelece a diferença entre o passado e passado histórico e a consciência histórica. Através da apropriação cognitiva do passado pela história, o que o torna claro o vínculo - passado histórico (tradição) /presente-O passado historicizável,aquele vivo e sedimentado nas condições circunstâncias materiais e intelectuais do agir .A diferenciação entre o passado historicizavel e o passo em sim é obra da consciência histórica.

O advento dessa nova relação com a força viva do passado não é anulada no presente.Na verdade abre a perspectiva de novas possibilidades do futuro para o agir informado da historicidade - tradição - .

A visibilidade dos remanescentes: O Art. 68 da Constituição Brasileira criou novas figuras legais: as -comunidades remanescentes de quilombos – que ganharam espaço nas questões do direito á terra. O referido artigo, (criado na Constituição de 1988), somente ganhou força em 1995, quando as celebrações, em torno da memória de Zumbi dos Palmares, fruto da luta dos movimentos negros organizados, passam a discutir as questões que envolvem a população de remanescentes da escravidão, que se encontram espalhados por todo Brasil, nas áreas chamadas quilombo e que podem sofrer diferentes classificações: populações rebeladas, do século XVIII, ou populações submetidas/ isoladas que formaram novas culturas, ou os chamados *Lugares de memória*, expressão utilizada por Nora (1984) e que identifica os lugares que apresentam uma memória viva. A legalidade traz á cena as comunidades remanescentes de quilombo que sempre existiram, mas que se isolaram por traz das dificuldades físicas, como: montanhas, matas e rios de difícil acesso.fornecem um quadro físico onde o jogo das



representações do passado – o quilombo - e a comunidade de remanescentes - do presente, exigem a construção de uma narrativa histórica e política correspondente a cada momento.

Quilombos - Comunidade remanescentes - são construções de categorias coletivas externas. Quem identifica os Almeidas como grupo remanescentes são os pesquisadores que chegaram à região no início de 2000, utilizando dados colhidos nas primeiras visitas tais como: cemitério de negros à margem do cerrado. A denominação local, *Fazenda Quilombo*, e entrevistas com os moradores mais antigos relatam a existência de um grupo étnico inicial de onde todos os Almeidas se originaram, deixando bem claro o sentimento de pertença a um território. A ligação com o quilombo do século XVIII é, em grande parte, pressuposta e está desligada dos processos sócio-históricos pelos quais os Almeidas passaram, porém, aparecem no processo de reconstrução da história do grupo. Os mecanismos de relações com o passado, de construção dos laços sociais do grupo, a cronologia de sua existência, e as relações sociais que estabeleceram a cada momento de sua história, é o que buscamos compreender ao longo de toda pesquisa na região.

Os parâmetros de estabelecimento desses territórios - fruto da dispersão dos escravos com o fim da mineração, a “escolha” pelo assentamento em um território de relevo acentuado e cerrado fechado - não foi consequência da busca por um maior isolamento dos brancos¹, mas, sobretudo, porque a estes, pouco interessavam esses espaços de manejo difícil e dispendioso.

Tal isolamento, entretanto, permitiu certa invisibilidade dessas comunidades tanto para pesquisadores, como para as outras sociedades que os circundam. Essa invisibilidade – organizada a partir de uma tradição oral – negava, muitas vezes, qualquer relação desses grupos com quilombos ou mesmo sua identificação como remanescentes de quilombolas. Paradoxalmente, na atualidade, com as ameaças externas de redefinições territoriais, esses



grupos têm buscado uma visibilidade fundada em argumentos que reconheçam seu território e sua identidade como grupos remanescentes.

O território negro traduz-se em fonte de poder e resistência à desagregação. As origens das comunidades negras vêm sendo lembradas no momento em que as várias interferências externas colocam em risco a propriedade das terras. A expansão agrícola dos grandes latifúndios, na região dos Almeidas, força essas populações a buscarem uma identidade histórica na qual o sentido das lembranças e da memória está marcado pelas necessidades atuais, pelo temor à perda definitiva da terra e ao desenraizamento total de sua cultura. Os Almeidas constituem exemplos de terras ocupadas por negros remanescentes de escravos e que constituíram comunidades quilombolas bastante específicas. Os Almeidas, na região de Silvânia, sobrevivem de pequenas plantações para subsistência como o cultivo de milho e da mandioca, por exemplo. As casas são distribuídas de forma esparsa, e a pobreza é o aspecto que mais chama a atenção nas primeiras observações do lugar.

Como em outras comunidades de quilombos, que utilizam as práticas de vizinhança e compadrio, os Almeidas enfrentam dificuldades para sobreviverem em seu local de origem. Isso se dá, geralmente, devido às pressões sociais e econômicas dentro desses povoados. O estímulo para esse estudo procede do descobrimento de uma história de resistência e reprodução social de grupos, em um local de cultura onde se sentem pertencentes a um território, que é palco de suas tradições, lembranças e memórias.

Como tornar visível a história dos quilombos na atualidade? Essa visibilidade pode ser construída através do ensino nas escolas que atendem aos jovens remanescentes. A escola, quando trabalha com uma proposta curricular e metodológica voltada para a cultura local, amplia a visibilidade e o reconhecimento dos grupos remanescentes como comunidade quilombola.



Primeiro deve-se processar o registro das histórias de cada grupo, trabalho árduo feito por pesquisadores com auxílio dos remanescentes, depois o levantamento histórico da comunidade, através da busca de registro documental, de locais e entrevistas com os moradores mais antigos que forneceram dados para a criação de um currículo e de práticas educacionais que valorizem a comunidade.

Uma vez construída essa historiografia, passará a alimentar a consciência histórica do grupo levando-os a uma interferência na realidade atual. A primeira fase da visibilidade se faz através da criação de associações comunitárias. Entre os Almeidas, o processo iniciou-se em 2004, sob a orientação de pesquisadores /historiadores que os levaram a criar uma Associação e registrá-la junto à Fundação Palmares.- responsáveis naquele momento pelas quatro fases para posse definitiva da terra: Identificação; delimitação; reconhecimento; titulação. Hoje, essa tarefa cabe ao INCRA- Instituto Nacional da Colonização e Reforma Agrária.

As teses de Rüsen 2001, sobre as relações da História com as tomadas de decisões na vida cotidiana têm permitido identificar algumas pontos-chaves de análise da consciência histórica entre os remanescentes. Entende-se a consciência histórica como uma atitude de orientação individual e coletiva no seu tempo e baseada no conhecimento histórico.

Memórias e Lembranças – Saberes

O pensamento histórico, nutrido pelo passado e interpretado pela memória, elabora a consciência histórica como fator de situação social e cultural dos indivíduos e comunidades na interpretação do presente. A análise da consciência histórica entre os Almeidas passa por uma série de questões preliminares. De que grupo se trata, uma vez que ainda não foram reconhecidos



como quilombolas? Após a criação de uma Associação dos moradores da região, ligados por parentesco, deram entrada em 2005, à primeira fase para posse definitiva da terra. Como esse grupo se formou? Quais as tradições, costumes que o grupo mantém? Em que medida o grupo atual recorre ao passado como uma referência explícita às origens e à conservação de uma memória histórica específica como, por exemplo, enquanto quilombo? Rusen afirma que: *a lembrança flui permanentemente no quadro de orientação da vida prática (...) ela é transportada para o processo de tornar presente o passado mediante o movimento da narrativa.*(2001:63).

A busca pelo passado identificador se faz através da lembrança que, segundo o autor, se transforma em consciência histórica, ou seja, o presente, mediatizado pelo passado, permite a interpretação de fatos e acontecimentos da atualidade. As narrativas históricas, induzidas pela memória, têm o papel de rememorar o passado, sempre com respeito à experiência do tempo presente, articulando-o com as expectativas de futuro.(Rusen, 2001:64)

O entendimento desse processo de visibilidade/invisibilidade vai de encontro ao primeiro fator da matriz disciplinar: a **carênciaⁱⁱ de orientação** que demonstra um interesse dos homens pelo seu passado para orientar seu presente e futuro. Quais os critérios que foram adotados? Quais as **idéiasⁱⁱⁱ** que foram organizadas na busca de uma interpretação que esses homens deram de si mesmo e do mundo? Somente a partir dessas interpretações ou significações é que o homem pode agir de forma transformadora ou não, dependendo do momento histórico em que está vivendo. Ao mesmo tempo, essas idéias passam a apresentar o passado como história, mas nem todo passado é história, afirma Rösen. Somente aquilo originado de um interesse preciso, carente de uma orientação é que exigiu uma reflexão específica e que pode se revestir do caráter de passado histórico, (2001:31).



Fazenda Quilombo ou as terras de São Sebastião da Garganta são símbolos articulados ao passado e que orienta os Almeidas, na atualidade, a buscar a aplicação do Artigo 68 sobre o direito de propriedade das comunidades remanescentes de quilombo. Traz à tona o mito das origens que legitima a presença deles no lugar, o reconhecimento da ancestralidade nas práticas de cura que remontam há mais de três gerações anteriores, cujo conhecimento sobre as plantas do cerrado, seu valor curativo e a aplicabilidade a cada doença forma um conjunto de tradições que se mantém ao lado da medicina alopata, á qual eles têm acesso através do Posto de Saúde e do Programa Saúde da Família.

Nesse contexto, a territorialidade dos remanescentes das comunidades de quilombos confirma a situação particular de especificidade e de alteridade desses grupos, que se constituíram a partir de processos diversos em todo o país como fuga, heranças, doações, ocupação de áreas abandonadas e/ou de propriedade desconhecidas. Por isso, o território que ocupam, identifica-se com sua história de constituição, ou seja, uma comunidade ligada por laços de solidariedade, que reconhece origens comuns e onde o acesso a terra e aos recursos básicos para a sobrevivência é garantido pelas relações sociais de parentesco e grupais.

A idéia de territorialidade afirma-se mediante uma história construída pelos grupos, que despojam a terra em seu valor mercantil, para impingir-lhe uma gama de significados, os quais seria mais adequado atribuírem um valor simbólico e político. Tais grupos investem seus territórios de uma história singular, de uma especificidade onde a memória, a tradição e as práticas sociais coletivas se cruzam e se interpenetram.

No que se refere a algumas dessas populações tradicionais - as comunidades negras rurais - observa-se que a reprodução cultural baseia-se em uma ocupação e uso comunais da terra, em espaço delimitado como território. As diversas atividades sócio-econômicas realizadas



por tais comunidades, configuram-se como práticas culturais desenvolvidas numa historicidade de resistência e permanência.

A análise das temáticas mais freqüentemente estudadas em Goiás nos mostra a invisibilidade das culturas negras e de seu influxo no processo de formação social. O tema *negro*, seus traços ou expressões culturais permanecem ausentes, ainda hoje, mesmo com a emergência dos movimentos negros no referido Estado.

As investigações sobre a forma da ocupação do espaço pelas populações remanescentes de quilombos tornam tênue as fronteiras entre a Antropologia, a História e a Geografia Humana. Nos estudos antropológicos, a ocupação do espaço aparece ligada à reprodução das relações sociais e com a existência e a permanência das culturas. Entre tais populações, essa ocupação afirma-se com diferentes identificações, conforme as significações que lhes são atribuídas pelos grupos humanos, que fazem uso e/ou ocupação coletiva da terra, configurando uma territorialidade própria a cada um deles.

A questão da cultura entra no âmago das discussões sobre como conhecer melhor a realidade social, buscando, no concreto ou nas descrições literárias a compreensão de como as pessoas realmente vivem, se estruturam e constroem seu universo simbólico. Por isso, as identidades culturais se tornam lances discursivos de fundamental importância nas discussões de dimensão político-cultural da globalização. O papel da cultura deverá ser repensado no meio de uma globalização complexa e contraditória. *Uma teoria, que explique esse procedimento fundamental de dar sentido ao passado, consoante a orientação cultural no presente é um ponto de partida para a comparação intercultural*, Rüsen (2206:116) o qual afirma ainda que, *ao relembrar, interpretar e representar o passado, as pessoas compreendem sua vida cotidiana e desenvolvem uma perspectiva futura delas próprias e de seu mundo.*



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

Hall, em seus estudos, preconiza que enquanto culturalmente as coisas pareçam mais ou menos semelhantes, existe uma *proliferação subalterna das diferenças* (2003:60). Esta, sem dúvida, será a maior contradição trazida pela globalização; se hoje as culturas se parecem mais ou menos iguais, a de se considerar as diferenças que se originam e resistem nas localidades.

As *diferenças* aparecem mais claramente nas chamadas sociedades *híbridas* que Bhabha (2003) as caracteriza como sociedades formadas no processo de expansão européia. Isso se deu, segundo o autor, a partir do século XV e produziu sociedades em que a diferença, ainda que oculta nos processos de construção da identidade nacional, estão presentes e permanecem. A migração e os deslocamentos das populações, no caso americano, foram provocados por inúmeros fatores, entre eles, a escravidão negra .

Essas diferenças não constituirão novas culturas, elas subsistem dentro da cultura geral, onde modulam e recriam seu modo de viver local, particular e específico, que deve ser estudado ou analisado na perspectiva do geral para o particular das **práticas** e das **representações** - conceitos criados por Roger Chartier e reinterpretados por Barros, (2004) que identifica as *práticas culturais* não só as técnicas, as instituições, mas também em relação *ao* modo de falar, de comer, de beber, de sentar, de andar, de conversar dos homens em uma dada sociedade. As *práticas* geram *representações* que geram práticas, e costumes formando um emaranhado de atitudes e gestos, o que, segundo Barros, torna difícil identificar onde começa um determinado costume : se nas práticas ou se nas representações?

As práticas relativas aos negros, dispersos nas zonas rurais em Goiás, vivendo numa pobreza absoluta, geram representações que demonstram extrema desconfiança, e são vistos de forma cada vez mais excludente. Suas representações em geral tendem a estar inseridas no âmbito da marginalidade. Pergunta-se: porque vive em casas de pau - a - pique? Porque são em



sua maioria analfabetos? As expressões *vila de pretos*, *terras de negros* demonstram o isolamento, a divisão dos espaços, mesmo quando os negros - moradores dessas vilas trabalham para os fazendeiros circunvizinhos.

A demarcação do espaço, do lugar ou do território dos Almeidas se faz por meio dos usos e costumes, e se legitima mediante os mitos de origem, onde não existe documentação legal, que regularize a posse da terra.

Ao tratar os Almeidas lembramos o alerta feito por Santos: *É preciso abordar a dialética tempo-espaço, em que cada instante histórico tem seu tempo e seu espaço e que cada espaço tem seu tempo, resultado do encontro dos eixos tempo histórico e do tempo das coexistência.* (1997) Do quilombo no século XIX às áreas dos remanescentes de escravos, há toda uma trama que deverá ser desvendada, levando em consideração a relação dialética tempo e espaço.

A busca da identidade das comunidades dos Almeidas passa primeiramente pela discussão do que seja *identidade*. Desse modo, entendemos que o termo é polissêmico, pois a identidade tem sido objeto de discussão de diferentes áreas das ciências humanas como: Sociologia, Geografia, História, Antropologia. Cada uma dessas áreas de conhecimento dá enfoques diferentes ao tema. *A identidade é simplesmente aquilo que se é* define Silva (2000:74) Entretanto, ao buscar o conceito de identidade em diferentes autores ou nas diferentes áreas das ciências, percebemos que a construção de uma identidade envolve outros elementos: a questão da diferença, da representação, do significado, dos símbolos e da subjetividade.

A diferença é aquilo que outro é (2000:74) É o que ainda afirma Silva, e tal como identidade, o autor concebe a diferença como algo positivo, um fato autônomo. Toda identidade só se define em relação a outras identidades.



De modo geral, quando pensamos em identidade, associamos a ela, dados que caracterizam uma pessoa, como, por exemplo: o seu nome, seu estado civil, a idade, que papel desempenha no grupo, se é homem ou mulher, que religiões professa e várias outras características que determinam à pessoa. No pensamento pós-moderno, a identidade é vista como algo sempre em construção, que vai sendo moldado no contato com o outro. Hall considera que (...) *a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Ela não é dada ao nascimento, ela é construída (...) assim, em vez de falar de identidade, como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação.* (1999:39).

A essa luz, sabemos que a construção da identidade não é um processo simples, nem tampouco se dá sem conflitos. De acordo com Woodward (2000:9), a identidade é relacional e marcada pela diferença e, essa diferença, para ele, a identidade e a diferença não convivem harmoniosamente, elas são opostas.

Outro conceito importante na produção da identidade é a subjetividade, Woodward (2000:55) defende a idéia de que a partir da subjetividade podemos explorar *os sentimentos que estão envolvidos no processo de produção da identidade.* Para esta autora, a subjetividade permite explicar as razões pelas quais nós nos apegamos às identidades particulares e, além disso, permite também desvendar as idéias que temos sobre nós mesmos. Para Woodward: (...) *nós vivemos nossa subjetividade em um contexto social no qual a linguagem e a cultura dão significados à experiência que temos de nós mesmos e no qual adotamos uma identidade.* (2000:55)

A identidade não vincula o habitante ao lugar. Esses vínculos são fortalecidos através das representações que fazem da relação aos diversos símbolos que existem no lugar e no espaço.



Identidade consiste no conceito que sintetiza o resultado prático mais importante da atividade do pensamento histórico . Trata-se de um desdobramento subjetivo da recepção de narrativas históricas, em que se conforma um ponto referência intelectual para o agir .Consistem no fundamento da definição do eu e dos nós – e conseqüentemente,também do outro e dos outros. Elas informam os sujeitos humanos acerca de quem eles são, por recurso ao passado que e em que eles foram e, com isso, fixam as possibilidades do seu vir a ser.

À medida que a vida transcorre no lugar, carregada de significações, de emoções e estruturada numa relação de intimidade, cria-se uma identidade para com esse lugar, ou seja, *a identidade é reforçada pelo sentimento de pertencer a um lugar*. Carlos (1996: 20). E o que observamos na área quilombola, mesmo os que vivem hoje na cidade, referem-se ao lugar como *lá nos Almeidas*, o que demonstra um sentimento de pertencimento ao lugar.

O sentido de identidade social e sua distinção de consciência histórica revelam-se complexo, os próprios estudos sobre quilombos no Brasil se centram quase exclusivamente em questões de identidades nacionais. Sentimentos de pertença e identidade social (local, regional, nacional e outras) constroem –se naturalmente no discurso das diversas vivências quotidianas: meios familiares, escolares e sociais movidos pela consciência histórica.

Notas

ⁱNa historiografia clássica sobre esse tema é comum a categorização dessa matriz como a principal “razão” do isolamento de escravos em lugares de difícil acesso.

ⁱⁱ Carências- primeiro fator da matriz disciplinar de Jörn Rüsen (2001:30)



iii Idéias, segundo fator do pensamento histórico, segundo momento da matriz disciplinar da ciência da história, que demonstra o significado dado pelo homem ao seu passado. (idem)

5www.ambientebrasil.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROS, José D'Assunção. O Campo da História – especialidades e Abordagens, 3.º. Petrópolis RJ: Vozes, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O Lugar no/do Mundo São Paulo, Hucitec, 1996.

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas- *estratégias para entrar e sair da modernidade.*; tradução Heloísa Peszza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. [Ensaio Latino-americanos ,1]

CHARTIER, Roger. A História Cultural - entre práticas e representações, Lisboa: DIFEL, 1990.

MOURA, Clovis. Os Quilombos na Dinâmica Social do Brasil. Maceió: EDUFAL, 2001

HALL, Stuart. DA DIÁSPORA - identidades e Mediações Culturais. Organização

_____. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade- tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraciara Lopes Louro. 3 ed. Rio de Janeiro DP&A, 1999.

HAESBAERT, Rogério. Territórios Alternativos. Niterói; EdUFF; São Paulo: Contexto, 2002.

MARTINS, E. C. Rezende. Relações Internacionais; Cultura e Póder. Brasília: IBRI, 2002.

_____. Consciência Histórica, Práxis e Cultura. A Propósito da Teoria da História de Jörn Rüsen. In Revista Síntese Nova Fase v. 19 n. 56 (1992):59-73.



_____. Pensar histórico e ação racional. Aproximações teóricas para uma proposta de comparação intercultural, em F. Schwambom (org): Rumos a novos horizontes. RJ. Brasília; DAAD/CAPES, 200 pp113-125.

MOURA, GLORIA. Quilombos Contemporâneos no Brasil. In CHAVES, Rita ;SECCO;Carmen; MACEDO,Tânia.(orgs) Brasil África – como se fosse mentira.São Paulo :Ed UNESP,2006.

MUNANGA,Origem e histórico do quilombo na África, Revista USP.São Paulo, n.º 28, dezembro/janeiro/fevereiro 95-96, p. 57 e segs.

RUSEN, Jorn. Razão histórica:teoria da história : fundamentos da ciência históricos . Tradução Estevão de Rezende Martins. Brasília:Editora Universidade de Brasília,2001

RAFFESTAIN, Claude. Por uma Geografia do poder. São Paulo. Ática, 1993.

ROSENDAHL, Zeny & CORREA, Roberto Lobato. Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro : Ed UERJ, 1999 (Série Geografia Cultural)

_____. Geografia Cultural Um Século. *Rio de Janeiro : Ed UERJ, 2000 (vol 1,2,3).*

RÜSEN, Jörn. Razão Histórica. Teoria da história :os fundamentos da ciência histórica-tradução de Estevão de Rezende Martins,Brasília: Ed UnB, 2001.

_____. Historiografia Comparativa Intercultural In MALERBA, Jurandir (org) A História Escrita teoria e história da historiografia. São Paulo: Contexto, 2006.



SANTOS, Milton. A natureza do Espaço: Técnica e tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Ed UNESP, 2002 (Coleção Milton Santos, 1)

SOUZA. Álvaro José de, (org) Paisagem território região: em busca da identidade. Cascavel: EDUNIOESTE, 2000.

SOUZA, Candice Vidal e. A Pátria Geográfica. Sertão e litoral no pensamento social brasileiro. Goiânia: Ed da UFG, 1997.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. 1 ed. São Paulo: Difel, 1983.

WOODWARD, Kathry. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomaz Tadeu da (org) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANTOS, Milton. A natureza do Espaço: Técnica e tempo, Razão e Emoção. São Paulo: Ed UNESP, 2002 (Coleção Milton Santos, 1)

SOUZA. Álvaro José de, (org) Paisagem território região: em busca da identidade. Cascavel: EDUNIOESTE, 2000.

SOUZA, Candice Vidal e. A Pátria Geográfica. Sertão e litoral no pensamento social brasileiro. Goiânia: Ed da UFG, 1997.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. 1 ed. São Paulo: Difel, 1983.

WOODWARD, Kathry. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In SILVA, Tomaz Tadeu da (org) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.



Anais
V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil

SILVA, Martiniano José. Quilombos do Brasil Central : Violência e Resistência escrava. Goiânia: Kelps, 2003.
